



DOSSIER

d3

Parecia, à primeira vista, que, logo após a sua terra de origem, o primeiro país a tomar contacto com o cinema brasileiro deveria ser Portugal (e a inversa também é verdadeira). Infelizmente, assim não acontece. As causas de tão estranho fenómeno são demasiado complexas para poderem ser abordadas numa nota como esta. Crente de que tal situação há-de necessariamente modificar-se, mas cónscio da actual lacuna, PLANO entendeu, por isso, dever dedicar o seu terceiro «dossier» ao Cinema Novo do Brasil.

PRÉ-HISTÓRIA

1955 — *Rio, 40 graus*. Primeiro filme de Nélson Pereira dos Santos, considerado o pai do Cinema Novo, demonstrava assim a possibilidade de uma produção de orçamento modesto e testemunhava uma grande preocupação com a realidade brasileira.

1957 — *Rio, Zona Norte*. No seu segundo filme,

Nélson hesita entre dois realismos: o socialista e o crítico, busca baldadamente um estilo de encenação, taceia, confessa-se desorientado. Não obstante, aprofunda o discurso, na medida em que já não propõe anedotas mas sim personagens. Depois desse filme, dedica-se ao jornalismo e a obscuros documentários anónimos sobre o Nordeste.

1958 — *O Grande Momento*. É um filme de Roberto Santos, mas foi produzido em S. Paulo por Nélson Pereira dos Santos. Um casamento de bairro, tratado num tom meio-cómico, meio-patético, com reminiscências do neo-realismo, de Clair e dos filmes da época da Frente Popular. Mas, segundo o seu autor, a única e verdadeira influência foi a do teatro dialectal outrora existente no bairro italiano de S. Paulo. 1959 — *Baía de Todos os Santos* de Trigueiro Neto já é quase Cinema Novo. Um cinema ético. Uma en-

cenção que se apaga à força de se pretender desmitificadora, um filme seco por amor da distanciação brechtiana. Tentativa abortada de dissolver o individual no colectivo. Ainda é o filme brasileiro cujo andamento mais se aproxima do pensamento moderno.

ESTADO DE EMBRIÃO

1958/59 — *Actividade teórica*: cineclubes, crítica, etc. No Rio: Glauber Rocha,

BREVE

Léon Hirszman, Miguel Borges (os problemas são sempre formulados no seu contexto social). Em S. Paulo: Gustavo Dahl, Jean-Claude Bernardet (encarecimento do cinema de autor, busca do autor brasileiro). Primeiras tentativas: *Pátio* (Glauber Rocha), *Caminhos* (Saraceni), *Fuga* (Diegues) em 16 mm. (filmes de vanguarda. Em 35 mm: *O Mestre de Apicucos*, *O Poeta do Castelo* (Joaquim Pedro de Andrade) e *Cruz na Praça* (Glauber Rocha).

NASCENÇA

1960 — *Arraial do Cabo* de Paulo César Saraceni foi o documentário que serviu de porta-estandarte ao Cinema Novo. Primeiro filme completamente logrado. Fotografia admirável de Mário Carneiro. Pela primeira vez um filme realizado por um jovem foi bem acolhido pela *intelligentzia* local.

1962 — II Rassegna del Cinema Latinoamericano em Santa Margherita Ligure.

Rouch atribui um prêmio a *Arraial do Cabo*. Saraceni, Joaquim Pedro e Gustavo Dahl cortam, em nome do Cinema Novo, com a ridícula cinematografia oficial brasileira. *Arraial* obterá seguidamente outros cinco prêmios em festivais europeus. Na Bienal de S. Paulo, a Cinemateca Brasileira organiza uma «Homenagem ao Cinema Brasileiro» só com as metragens curtas do Cinema Novo. Pequeno

de Cultura da União Nacional dos Estudantes, com episódios de Léon Hirszman, Carlos Diegues, Miguel Borges, Marcos Farias e ainda *Couro de Gato*. Tentativa de um cinema francamente político, com pretensões a provocar a agitação popular. Malogra-se por causa da demagogia, do sectarismo, do primarismo, do esteticismo e da confusão, mas desempenha um papel de filme manifesto: tomada de

quase «cinema-verdade», mas com um som que não é sincrónico. Demonstra paradoxalmente, por parte do seu autor, gosto pela «encenação». O lado social (documentário) é, sem dúvida, insuficiente, mas a personagem (logo, a ficção) resulta em cheio.

Ganga Zumba de Carlos Diegues. Ex-poeta, filho de sociólogo, apaixonado pela política, Diegues preocupa-se com lirismo, etnologia

HISTÓRIA DO NOVO CINEMA BRASILEIRO

por Gustavo Dahl

escândalo, discussões, consagração, enfim, de *Couro de Gato* que Joaquim Pedro acabara de realizar. Um novo instrumento: a câmara à mão. Novas possibilidades de mostrar o homem em situação, o seu rosto e os seus gestos.

ADOLESCÊNCIA

1962 — *Barravento* de Glauber Rocha. Confuso, caótico, obscuro, violento, admirável. Dois anos de montagem. É o primeiro «caso» do Cinema Novo. Desaire de público e de crítica. Perplexidade quer à esquerda quer à direita. Só alguns *happy few* lhe reconhecem as qualidades.

Os Cafajestes de Rui Guerra. Agressivamente «Nouvelle Vague», com citações de Godard, Resnais, Antonioni, etc., cinico, irreverente. Depois de algumas turmas com a censura, o filme alcança o primeiro sucesso público do Cinema Novo.

Cinco Vezes Favela. Produzido pelo Centro Popular

posição perante a realidade e o cinema.

Porto das Caixas de Paulo César Saraceni é um filme maldito, pessoal até ao exagero, descomedido, amargo, tenso. Apupado tanto pela direita como pela esquerda, quando da estreia, revelou o único «monstro cinematográfico» do movimento, um autor intransigente, um moralista. Viria a influenciar outros autores e outros filmes.

MATURIDADE

1963 — *Vidas Secas* de Nelson Pereira dos Santos. Clássico desde o nascimento. O seu autor amadureceu através de filmes de encomenda, montagens, etc. Dá provas de uma grande mestria no uso dos seus meios e da realidade que aborda. Pós termo à imagem que se ia formando de um Cinema Novo mal feito, hermético e nevrótico.

Garrincha de Joaquim Pedro de Andrade. Documentário de grande metragem,

e ideologia. O seu filme, lento, discursivo, com lampejos de beleza e de paixão, agrada aos Africanos e os Europeus, mas menos aos Brasileiros. O Cinema Novo descobre os sortilégios da calma e de uma serenidade por vezes excessiva.

1964 — *Deus e o Diabo na Terra do Sol* de Glauber Rocha, *Os Fuzis* de Rui Guerra, *Maioria Absoluta* de Léon Hirszman, *Integração Racial* de Saraceni.

1965 — *S. Paulo, S. A.* de Luís Sérgio Person, *Memória do Cangaço* de Paulo Gil Soares, *Viramundo* de Geraldo Sarno, *A Falecida* de Léon Hirszman, *O Padre e a Moça* (ex-*Negro Amor de Rendas Brancas*) de Joaquim Pedro de Andrade, *Menino de Engenho* de Walter Lima Jr., *A Hora e Vez de Augusto Matraga* (ibid.), *O Desafio* de Paulo César Saraceni.

(CAHIERS DU CINÉMA, 176, Março-66)